

# O Turismo e a Covid-19 na Costa do Cacau: Evidências etnográficas<sup>1</sup>

Roque Pinto – UESC/BA

Resumo:

Pretende-se aqui discutir as possíveis relações entre a ocorrência de Covid-19 e a atividade turística na Costa do Cacau, sul da Bahia. Com base nos relatórios epidemiológicos fornecidos pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus), foi feita a tabulação e sistematização da ocorrência de casos de Covid-19 e de óbitos de Covid-19 no período de maio de 2020 a janeiro de 2021 na microrregião Itabuna-Ilhéus, onde se insere o território turístico denominado Costa do Cacau. Os dados secundários foram combinados com pesquisa participante com vistas à descrição etnográfica na tentativa de esquadrihar evidências a respeito das relações entre turismo e Covid-19 no terreno.

Palavras-chave: Turismo; Covid-19; Bahia

## 1. Apresentação

Este texto pretende sistematizar três coisas sociologicamente complexas e heteróclitas: o turismo, a pandemia de Covid-19 e as possíveis relações entre os dois no contexto empírico. A questão-chave aqui é a qual seria a melhor escolha dos processos metodológicos. Isto é, qual encadeamento de procedimentos operacionais de pesquisa pode ser mais eficiente para oferecer as melhores respostas. E como melhores respostas entende-se aquelas que sejam mais completas, mais fidedignas ao contexto empírico e que melhor delinieie as relações entre os componentes estruturais e situacionais.

De qualquer modo, não se trata de um texto necessariamente metodológico e nem mesmo com tais pretensões. Mas sim, a partir de um contexto etnográfico específico – a situação da pandemia de Covid-19 na região sul da Bahia – lançar questões a respeito de possíveis relações e/ou correlações que podem ter contribuído de algum modo para a configuração epidemiológica local. Por falta de espaço e por uma decisão estratégica absteve-se de fazer longas digressões a respeito da dimensão teórico-conceitual do

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

turismo, para privilegiar o aspecto etnográfico, especialmente o tratamento dos dados de campo.

No período de abril de 2020 a julho de 2021, no contexto de alguns dos momentos mais dramáticos da pandemia de Covid-19 no Brasil, foi levada a cabo uma investigação no terreno etnográfico da cidade de Ilhéus (Pinto et al, 2021)<sup>2</sup>. A mesma cidade em que eu havia executado um trabalho de campo mais exaustivo anteriormente, entre os anos de 2002 e 2012 (Pinto, 2010 e 2012).

Ilhéus é uma cidade litorânea de cerca de 190 mil habitantes e se localiza na Costa do Cacau, o espaço turístico definido oficialmente pelo Governo do Estado da Bahia que se inscreve – conforme a terminologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – na Microrregião Ilhéus-Itabuna, na porção sul da Bahia, notabilizada pela saga do cacau, imortalizada pela pena de Jorge Amado e especialmente seus desdobramentos midiáticos (mapa 1).

Aqui se propõe descrever a trajetória da pandemia do coronavírus no sul da Bahia no período de maio de 2020 a janeiro de 2021 e discutir qual o papel do turismo naquele cenário. Este trabalho combina apontamentos etnográficos com dados secundários de natureza bibliográfica, registros jornalísticos e estatísticas sistematizadas a partir dos informes epidemiológicos produzidos pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2020 e 2021) referentes à pandemia no sul da Bahia.

A proposta deste trabalho não é necessariamente aprofundar as questões levantadas, mas sim trazer suas linhas mais gerais. A triangulação metodológica proposta tem como finalidade auferir consistência nos resultados e, a respeito da dimensão deontológica, sugerir o uso da etnografia para minimizar lacunas oriundas da ausência de dados públicos disponíveis.

## **2. Das barcaças aos cruzeiros**

A Costa do Cacau é a nomenclatura turística do espaço que corresponde aproximativamente à região cacauera da Bahia, ao sul do Estado, também classificada

---

<sup>2</sup>Estas anotações se converteram em dados mais sistematizados que foram apresentados em algumas mesas redondas promovidas pela SEI (Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos do Governo do Estado da Bahia) no âmbito da plataforma SEIColab, que propôs investigar a COVID-19 na Bahia na perspectiva das Ciências Sociais Aplicadas. Além das mesas redondas, divulgação dos dados e debates nas redes sociais e em portal próprio, foi publicado um volume com as principais contribuições (SEI, 2021).

pelo IBGE como Microrregião Ilhéus-Itabuna, por ter no bipólo destas duas cidades seu eixo social e econômico mais importante. A partir da segunda metade do século XIX a região começou a se destacar com o monocultivo de cacau, que veio a ser o principal produto de exportação da Bahia. E a produção extensiva do cacau dentro da Mata Atlântica (sistema agroflorestal da cabruca) tornou-se a principal marca da dinâmica antrópica local.

As primeiras cidades do território surgiram margeando o Oceano Atlântico e os vários rios que irrigam o lugar, como o rio de Contas, Almada, Cachoeira, Jequitinhonha e seus afluentes. A cidade de Ilhéus, a mais antiga, foi erigida como vila em 1535 e reconhecida como cidade em 1881. Em 1910 Ilhéus passou a dispor de um porto e assim as pequenas cidades do entorno (que só vieram a ser reconhecidas como tal a partir da década de 1950)<sup>3</sup> produziam o cacau em pequenas propriedades ou em imensas *plantations* e a produção era escoada por via marítima (em Ilhéus) – e mais tarde também por via terrestre (Itabuna) –, indo para Salvador (capital do Estado da Bahia) e de lá para o exterior.

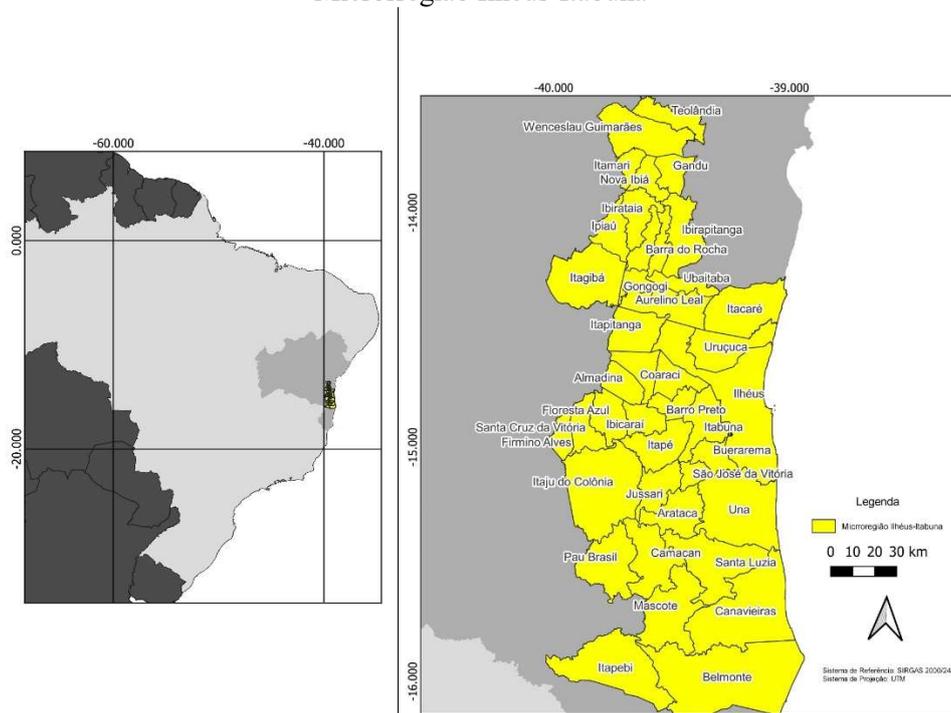
Em 1971 foi construído um outro porto em Ilhéus, maior e mais moderno. Algumas décadas anteriores fora criada uma rede importante de ferrovia que conectava as cidades da região, e que foi totalmente abandonada em 1964 (Pontes, 2018), sendo preterida pelas vias automotivas e depois pelo aeroporto da cidade. Portanto, em algumas décadas a conexão entre as cidades passou do transporte em lombo de burros, em estradas íngremes e quase intrafegáveis, ou em canoas rudimentares, para meios de transporte modernos, conectando a região ao mundo.

Esse salto tecnológico no campo da logística reflete outros aspectos relevantes do território: enquanto que o Brasil se tornou majoritariamente urbano na década de 1950, a microrregião Ilhéus-Itabuna continuou predominantemente rural até 1970 (Trindade, 2010). Nas duas décadas seguintes houve um crescimento demográfico nas cidades maiores, mas sem prejuízo da dinâmica rural: “entre 1980-1991 a população urbana [da Microrregião] cresceu 39,73%, sendo essa não completamente oriunda da área rural regional, que só perdeu 0,90% nesse período” (Rangel, 2013, p. 323-324).

---

<sup>3</sup>As 41 cidades que compõem a microrregião Ilhéus-Itabuna ou região cacauceira são as seguintes: Almadina, Arataca, Aurelino Leal, Barra do Rocha, Barro Preto, Belmonte, Buerarema, Camacan, Canavieiras, Coaraci, Firmino Alves, Floresta Azul, Gandu, Gongogi, Ibicaraí, Ibirapitanga, Ibirataia, Ilhéus, Ipiaú, Itabuna, Itacaré, Itagibá, Itajú do Colônia, Itajuípe, Itamari, Itapé, Itapebi, Itapitanga, Jussari, Mascote, Nova Ibiá, Pau Brasil, Santa Cruz da Vitória, Santa Luzia, São José da Vitória, Teolândia, Ubaitaba, Ubatã, Una, Uruçuca e Wenceslau Guimarães (vide mapa 1).

Mapa 1  
Microrregião Ilhéus-Itabuna



Elaboração: Ângelo Gonçalves

Foi na década de 1990 que as cidades de Ilhéus, Itabuna e, mais ao sul, Porto Seguro experimentaram uma grande pressão demográfica em função da crise na lavoura cacaueteira causada pelo fungo Vassoura de bruxa (*Crinipellis perniciosa*), que em 1989 dizimou cerca de 70% dos cacauais locais, gerando uma colossal desestabilização econômica e social na região, que era uma das maiores produtoras de cacau do mundo (Araújo e Silva, 2008).

A crise da Vassoura de bruxa foi o estágio final de uma crise em ritmo lento, decorrente de vários fatores combinados, tanto internos quanto externos: a mudança de foco de investimento do Estado da Bahia do setor primário para o secundário, com o aumento significativo do PIB estadual derivado das indústrias química e petroquímica (Alcoforado, 2003), a falta de controle do preço de cacau, determinado pelo mercado externo, a estagnação tecnológica da lavoura ou mesmo sérias questões de financiamento da atividade agrícola, “[com] o fluxo financeiro curto-circuitado por um estilo de vida perdulário de parte dos proprietários rurais, com os recursos do cacau financiando despesas excessivas e supérfluas e a compra de imóveis particulares nas áreas mais ricas

de Salvador, Rio de Janeiro e mesmo de cidades da Europa, em detrimento da própria lavoura.” (Pinto et al, 2021, p. 200).

As pequenas cidades que até a década de 1990 tinham no cacau praticamente a única fonte de recurso econômico passaram a diversificar a produção e a apresentar mudanças funcionais importantes (Corrêa, 1999), dispondo de serviços e atividades comerciais. Atualmente as cidades de Itabuna e Ilhéus concentram aproximadamente 30% da população da microrregião, que totaliza cerca de 983 mil habitantes (DATASUS, 2020).

A distância entre Ilhéus e Itabuna é de 25 Km, unidas pela rodovia BR-415, rebatizada de Rodovia Jorge Amado. E por serem as duas cidades polos da microrregião, são estratégicas para o fluxo de pessoas e mercadorias, concentrando vários serviços: saúde (principais clínicas e hospitais públicos e privados), educação (universidades públicas e privadas), comércio (atacado e varejo), etc.

Itabuna está localizada às margens da rodovia BR-101 e exerce um importante papel de entreposto comercial local. Ilhéus é uma cidade portuária, possui um aeroporto e tem grande vocação turística, especialmente nas modalidades sol e praia e turismo cultural. É especialmente utilizada por turistas de proximidade vindos de Itabuna e outras cidades do entorno mais imediato. A grande maioria dos seus visitantes residem em raio de cerca de 300 Km de distância de Ilhéus (Pinto, 2012).

Foi no bojo da busca por alguma tábua de salvação econômica que emergiu localmente o turismo (Pinto, 2008). E aqueles que sonhavam com barcaças de cacau cheias levando os frutos de ouro para longe, passam a sonhar com navios de cruzeiros cheios, trazendo de longe turistas e recursos para a região que chegou a se autodenominar Civilização do Cacau (Adonias Filho, 1976).

Segundo Rangel e Thevenin (2018), os mercados imobiliários de Ilhéus e Itabuna se aqueceram a partir da década de 2000, com o incremento de vários condomínios horizontais e verticais. E em Ilhéus este movimento se deu com especial incidência de segundas moradias ou vivendas de veraneio de mineiros, goianos e baianos de cidades como Jequié e Vitória da Conquista, com seus proprietários ocupando o imóvel apenas no verão ou alugando-os. Estas segundas residências têm relação bastante estreita com a atividade turística local.

Esboçando algumas linhas gerais referentes à condição sistêmica da atividade turística, é possível divisar de forma mais nítida os efeitos mediatos e imediatos da pandemia do COVID-19 no turismo. Observando as características mais fundamentais do

turismo, pode-se visualizar melhor sua dimensão sistêmica, processual e adaptativa (Nash, 1996; Santana Talavera e Pinto, 2008 e 2010), e assim talvez ter uma melhor compreensão dos efeitos do Covid-19 na atividade turística:

- a. O turismo é uma atividade altamente instável e possui um produto que não é nem transportável nem armazenável;
- b. O turismo apresenta um produto fragmentado, integrado com outros setores da economia e diretamente afetado por eles;
- c. O turismo implica quase sempre em férias ou tempo de ócio, modelando relações necessariamente transitórias e desiguais entre os que servem e os que são servidos;
- d. A natureza cíclica do turismo tende a ser mais desorganizadora do que outras atividades regulares, criando flutuações de emprego e acentuando tensões;
- e. As motivações do turista são muito complexas e variáveis, segundo o tipo de turista e de turismo;
- f. Os sinais externos de pujança e decadência são mais visíveis no turismo do que em qualquer outro setor da economia.

Assim, tem-se um quadro geral em que o turismo se apresenta como (i) um sistema compósito, instável e dependente de fatores exógenos, sujeito à desestabilização em virtude de vários elementos que podem emergir de forma isolada ou combinada, como intempéries naturais, sociais, políticas, econômicas, etc. e, além disto, (ii) um sistema cujos partícipes sempre se relacionam de forma assimétrica e transitória, não só na relação óbvia entre trabalhadores e turistas, mas também entre os vários tipos de turistas que interagem (ou não) num mesmo local, entre os vários tipos de trabalhadores com qualificações e origens étnico-raciais distintas, e entre os moradores locais que atuam direta ou indiretamente e os que não trabalham na atividade turística (Smith & Brent, 2001; Sharpley & Telfer, 2002; Simonicca, 2001; Macleod & Carrier, 2010).

Esta característica de se apresentar como um sistema dinâmico e adaptativo dota a atividade turística de uma grande complexidade, que se traduz em um imenso desafio do ponto de vista da pesquisa empírica e teórica (Santana Talavera, 2009; Pinto e Pereiro, 2010; Pinto, 2015; Pereiro e Fernandes, 2018). Aqui são assumidos todos os riscos relativos a inconsistências, incongruências e insuficiências do ponto de vista teórico-metodológico. E a ideia é esta mesma, a de testar instrumentos de pesquisa em uma ambiência inconstante e multifoliada.

### 3. A Covid-19 no sul da Bahia

A pandemia da Covid-19 impactou severamente o sul da Bahia. Foi a região mais atingida proporcionalmente em todo o Estado. O que se segue é uma tentativa de sistematizar vetores que podem ter contribuído para o sucesso do coronavírus na Microrregião Ilhéus-Itabuna. Algumas evidências são derivadas de dados epidemiológicos sistematizados e outras de dados etnográficos. Convém, naturalmente, problematizar a qualidade dos dados e sua fiabilidade para fins de investigação. Mas esta será tarefa para outro momento. Aqui o que se propõe é apenas lançar linhas gerais para um desenho de pesquisa mais complexo e completo.

O corredor formado pelas cidades de Itabuna e Ilhéus, circundado por dezenas de pequenas cidades de infraestrutura limitada, configura-se como um potente atrator regional: milhares de pessoas se deslocam diariamente para estas duas cidades com finalidades diversas, como compras, serviço, trabalho e lazer. Este deslocamento constante de pessoas, do ponto de vista epidemiológico, representa um claro fator de risco.

Esta arquitetura antrópica peculiar funciona, na perspectiva do fluxo populacional, como uma espécie de vórtice: o bipólo Ilhéus-Itabuna passou a ter um adensamento populacional desregrado em um curto espaço de tempo, especialmente entre as décadas de 1990 e 2000. O que significa uma inevitável insuficiência dos serviços públicos em geral, especialmente de saúde, educação e segurança pública, somando-se ao que já era precário ou inexistente em cidades menores. Junte-se a isto um baixo nível de escolaridade, conforme se vê nos índices do desenvolvimento humano municipal (IDHM) anotados pelos Censos Demográficos do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

Tem-se, neste cadinho, uma população de extração rural, que em grande medida não se coaduna com normas impessoais, desconfia da burocracia estatal e dos políticos em geral e tem muita dificuldade em absorver rudimentos de microbiologia. Soma-se isto às *fake news* na internet promovidas por grupos de interesse (patronato, políticos reacionários e segmentos religiosos fundamentalistas, majoritariamente) e aí o que se apresenta é uma sociedade com sérios problemas de controle de uma pandemia causada por um vírus que se espalha pelo ar e coloniza as pessoas pelo toque em superfícies contaminadas.

Certamente estes elementos não são exclusivos do sul da Bahia. Mais ainda. Estudos sistemáticos voltados para o contexto brasileiro poderiam até mesmo apontar para uma tendência ou mesmo um padrão. Mas além das generalidades, há as especificidades locais:

- i. Há um fluxo contínuo e diário de trabalhadores entre Ilhéus e Itabuna;
- ii. Itabuna e Ilhéus possuem as maiores e mais qualificadas agências de serviços de toda a região, como já indicado, fazendo com que moradores de cidades em um raio de cerca de 250 Km tenham que se dirigir a uma das duas cidades para resolver questões burocráticas, legais, médicas e educacionais mais complexas, mas também coisas como tirar uma segunda via documento ou marcar uma consulta médica;
- iii. Seguindo a lógica local, durante a pandemia os serviços de saúde relativos à COVID-19 foram concentrados no bipólo, gerando um fluxo concentrado e afunilado para os hospitais das duas cidades;
- iv. A centralização logística rodoviária e aeroviária no bipólo: para quem chega de ônibus, para ir às cidades da região necessita primeiro fazer transbordo ou pelo menos passar por uma das duas cidades de Itabuna ou Ilhéus. E o único aeroporto local se situa em Ilhéus;
- v. Atividade turística: o fluxo de visitantes de fora da região e mesmo internamente também denota um fator relevante para o espriamento do coronavírus.

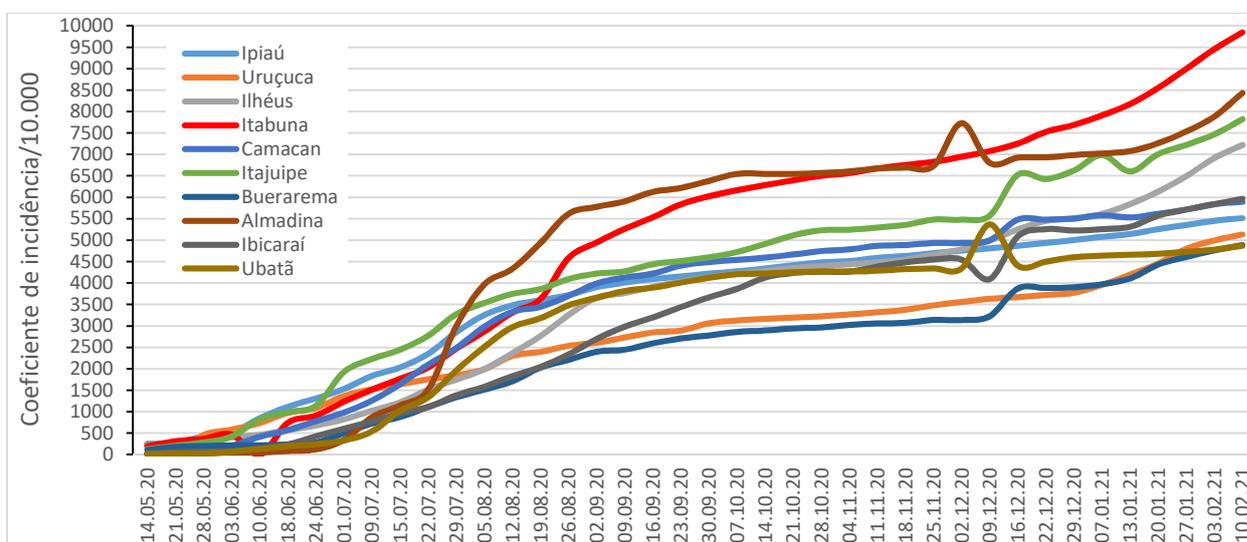
Com efeito, dos 41 municípios da Microrregião Ilhéus-Itabuna, 09 estavam entre os que tinham a maior quantidade de óbitos por Covid-19 a cada 100 mil habitantes, no Estado da Bahia. Eram eles: Itabuna, Itajuípe, Ibicaraí, Buerarema, Ipiaú, Camacan, Almadina, Ilhéus e Uruçuca (figura 1).

Em 17 de fevereiro de 2021 foi emitido o Informe Epidemiológico nº 41, indicando que “[...] a Macrorregião de Saúde Sul da Bahia é aquela que possui o MAIOR coeficiente de incidência de Covid-19 na Bahia, com índice superior aos do Brasil e da Bahia.” O mesmo documento ressaltava, ainda, que os mesmos municípios estão entre aqueles que possuem os maiores coeficientes de mortalidade por Covid-19 no Estado (Bahia, 2021: Informativo nº41, 17/02/2021, p. 19 e 20).

Pode-se ver na descrição da curva de incidência de mortalidade dos municípios como há um aumento vertiginoso em um curto espaço tempo, a partir de junho de 2020. Observa-se a tendência sempre crescente da mortandade, que escalou a partir de julho e se estabilizou (com viés de alta) de agosto a novembro, e a partir daí seguiu aumentando com mais intensidade, com picos acentuados entre o fim de novembro e o início de dezembro de 2020, o que coincide (do contágio ao óbito e seu respectivo registro) com

período das eleições para vereador e prefeito, realizadas em meados de novembro, e que durante semanas ocorreram campanhas eleitorais com grandes aglomerações.

**Figura 1.**  
Incidência de mortalidade por Covid-19 nos municípios de maior coeficiente.  
Período maio/2020 a fevereiro/2021



Fonte: Universidade Estadual de Santa Cruz (2020, 2021)

Nas figuras 2 e 3 tem-se, respectivamente, o comparativo da ocorrência de casos acumulados e de óbitos acumulados de Covid-19 na Microrregião Ilhéus-Itabuna e no Estado da Bahia, no período maio de 2020 a janeiro de 2021. São notáveis dois momentos específicos: após julho de 2020 tem-se um crescimento vertiginoso, que muda a pandemia de patamar do ponto de vista epidemiológico. E em finais do mês de dezembro do mesmo ano se verifica um aumento brusco de casos e de óbitos. Estes dois momentos são justamente quando ocorreram as festas juninas e o ápice da atividade turística na região.

Obviamente que não seria possível atribuir o comportamento da pandemia no terreno a um único vetor, uma vez que nos períodos festivos de junho e dezembro foram registradas também reuniões familiares, de colegas de trabalho e de amigos. Convém observar aqui o poder da estática social, isto é, da manutenção da tradição, mesmo que isto implique, no limite, na própria sobrevivência dos partícipes.

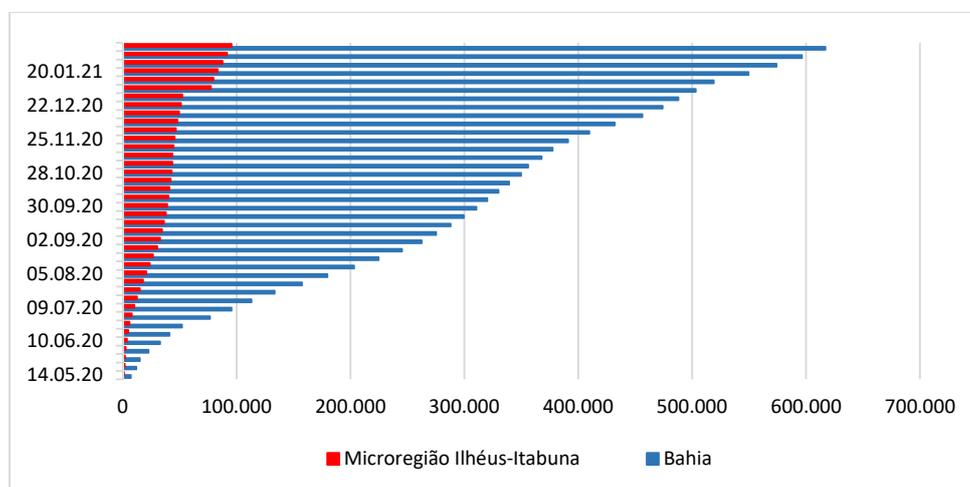
Também se fez notável a capacidade disruptiva do negacionismo. Não só em termos biológicos – posto que milhares de pessoas morreram efetivamente por ignorar e desacreditar das regras sanitárias – como também sociológicos. Das redes sociais na internet para o cotidiano face-a-face, as bolhas sociais e as câmaras de eco dos

negacionistas geravam o esgarçamento das relações sociais ordinárias e promoviam novos laços, por vínculos afetivos a valores de natureza política.

A esta altura, o uso de remédio para tratar infestação parasitária (ivermectina), promovido pelo governo Bolsonaro como tratamento contra o coronavírus, comprovadamente ineficaz, tornou-se uma espécie de senha para pessoas que se diziam curadas ou imunizadas nas redes sociais. A reação das demais pessoas nas postagens auferia reforço à “causa” e, claro, denotava (e demarcava) sua orientação política.

Neste cenário de estresse social e de desgaste dos laços afetivos em favor de uma ideologia baseada em teorias conspiratórias e *fake news*, a politização da pandemia foi muito bem-sucedida do ponto de vista do governo Bolsonaro. Claro que o saldo de mais de 680 mil mortes, na perspectiva daquele grupo político, é uma mera externalidade. Inclusive, para os mais fanáticos estas mortes sequer existiram, como se viu em rede nacional, quando familiares históricos tentavam abrir caixões à força para verificar se realmente havia um corpo lá dentro.

**Figura 2.**  
Comparativo dos casos acumulados de Covid-19 na microrregião Ilhéus-Itabuna e da Bahia no período maio/2020 a janeiro/2021



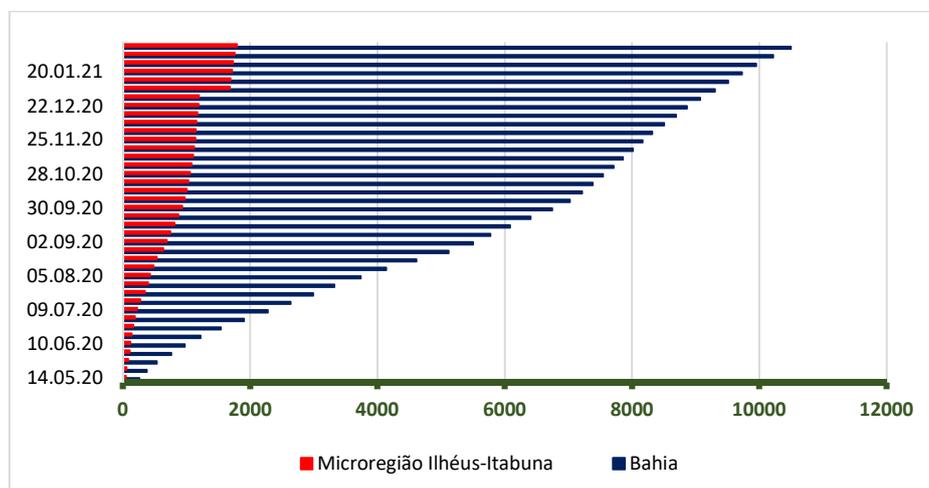
Fonte: Universidade Estadual de Santa Cruz (2020, 2021)

No ano de 2020, conforme anotado, ainda ocorreram em novembro as eleições municipais, quando a pandemia foi quase totalmente ignorada: carreatas, comícios, passeatas com imensas aglomerações, e o próprio pleito, com a votação em escolas públicas e outros locais fechados em que as pessoas literalmente se acotovelavam para encontrar sua sala de votação. Se, por um lado, havia uma certa organização nas salas de

votação, com distanciamento demarcado, álcool gel e obrigatoriedade do uso de máscara, nos corredores o que predominava era a aglomeração e o contato físico.

Não resta dúvida de que a campanha eleitoral funcionou como um elemento potencializador da pandemia no terreno observado. Na cidade de Ilhéus, no período eleitoral, candidatos e suas comitivas, muitas vezes com centenas de pessoas, iam a vários bairros e distritos, incluindo os mais afastados da sede. Alguns deles até então sem nenhuma notificação de Covid-19. E lá abraçavam idosos, beijavam crianças, apertavam a mão de todo mundo. Os contatos físicos se davam sem nenhum tipo de restrição.

**Figura 3.**  
Comparativo da ocorrência de óbitos acumulados na microrregião Ilhéus-Itabuna e da Bahia no período maio/2020 a janeiro/2021



Fonte: Universidade Estadual de Santa Cruz (2020, 2021)

No contexto mais amplo de politização da pandemia, no sul da Bahia havia um conjunto de condutas, anotadas ao nível etnográfico, que denotavam por um lado a resistência a normas impessoais, e por outro, a normalização da pandemia, o individualismo e a falta de empatia, explicitados em expressões como “todo mundo vai morrer mesmo” ou “a pessoa só morre quando Deus quer”. Afinal, em um país em que 65 mil assassinatos anuais são encarados como algo trivial, não surpreende que nem mesmo as pilhas de cadáveres mostradas nos telejornais fossem suficientes para sensibilizar uma parte significativa da população.

Mas as atitudes de confronto aberto contra as normas sanitárias por motivação política foram verificadas muito pontualmente. Muito mais numerosas foram as condutas negligentes: o uso inapropriado das máscaras ou a retirada delas para falar com pessoas

próximas, a inobservância do distanciamento em lugares públicos, o contato físico com outras pessoas ao falar, especialmente o toque. Inclusive nos primeiros meses de restrições do comércio não era raro que lojas fechassem suas portas mas continuassem atendendo, com uma pequena multidão do lado de dentro, sem circulação de ar e com tudo fechado.

No comércio local ouviam-se expressões como “não podemos trabalhar por causa do decreto” ou “a culpa é do Governador”. O que expressa a ideia de que é o Estado e seu aparato jurídico-policial que estariam interferindo nos negócios ou provocando perdas pecuniárias e não a pandemia em si. Este entendimento remete à negação ou ao menos à relativização de uma situação pandêmica sem controle com milhares de mortos diários, mas também remete à já bem conhecida problemática relação dos brasileiros com o Estado ou com a legalidade, tema tratado sobejamente na literatura especializada. E, claro, tem-se aí o governo federal jogando um papel importante ao minimizar a pandemia e atribuir aos governadores e prefeitos práticas “autoritárias” de controle social.

Além da campanha eleitoral, ocorrida entre setembro e novembro, as festas de fim de ano também podem ter ampliado o quadro já grave, como assinalam as figuras 2 e 3, ao sinalizar a diferença significativa da prevalência da Covid-19 entre os meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021. Há que levar em conta um lapso temporal anterior à disponibilidade dos dados, considerando o prazo entre o acometimento da doença, a notificação, a tabulação e publicação nos informes. Assim, deve-se pensar nestes casos como tendo ocorrido algumas semanas antes dos registros oficiais.

Outras práticas de risco anotadas no terreno, e que nunca deixaram de ocorrer no período da pandemia foi a realização de festas privadas, reuniões familiares e frequência a bares. Além do uso da praia em Ilhéus e do sensível aumento da quantidade de praticantes de caminhadas nas calçadas que margeiam as praias, na zona sul da cidade, pelas manhãs e no fim da tarde, sem nenhuma preocupação quanto ao distanciamento físico e reiteradas vezes sem uso da máscara de proteção. Nomeadamente em Ilhéus e Itabuna ainda há outro fator: um contingente considerável de pessoas trabalham em uma cidade e residem em outra. E é óbvio que o poder público não tem números a respeito, que pudessem a vir auxiliar em algum tipo de planejamento para ações concretas de contenção da pandemia localmente.

E finalmente há um vetor muito importante neste contexto, que é a atividade turística. E aqui é relevante deter-se um pouco mais a respeito. Se, no período, nove municípios da Microrregião Ilhéus-Itabuna possuíam a maior taxa de óbitos por Covid-

19 na Bahia, três destes municípios fazem parte da lista de destinos turísticos da Costa do Cacau: Ilhéus, Itabuna e Uruçuca. E que conjuntamente concentram aproximadamente 1/3 da população do território. As possíveis conexões entre o Covid-19 e a atividade turística na região é o que será visto a seguir.

#### **4. O Óbvio Oculto: o papel do turismo na pandemia no sul da Bahia**

De forma geral e esquemática, com base na vasta literatura jornalística e científica a respeito, pode-se afirmar que o coronavírus entrou no Brasil por intermédio de pessoas abastadas que o trouxeram provavelmente da Europa. E no momento seguinte, na fase do contágio comunitário, os hospedeiros humanos que tiveram contato com os primeiros contaminados (em geral seus empregados domésticos) levaram o vírus consigo, transmitindo-o a outras pessoas em um processo que se replica indefinidamente até que se tenha alguma barreira natural ou que seja possível algum controle epidemiológico pela ação da ciência humana.

Sintomaticamente, no sul da Bahia a pandemia do Covid-19 iniciou em termos oficiais e midiáticos quando a “influencer” paulista Gabriela Pugliesi publicizou na internet – com repercussão em vários sites e portais da mídia corporativa *mainstream* – que havia contraído o coronavírus no casamento de sua irmã, em um resort de luxo em Itacaré (Marques e Belo, 2022). Antes deste caso só haviam sido notificados três outros casos da doença no Estado: o primeiro foi de uma mulher na cidade de Feira de Santana, que chegara da Itália. O segundo, de sua empregada doméstica. E o terceiro, da mãe da doméstica (G1, 2022).

Assim, ao pensar no comportamento epidemiológico da Covid-19 na região cacauera, deve-se ter em conta que, além do tráfego constante e frenético de moradores locais entre os municípios, há outra dinâmica ocorrendo simultaneamente: o fluxo turístico. Obviamente que não é possível definir, neste contexto, um único vetor e talvez nem mesmo um vetor principal. A multicausalidade, aliás, é em si um traço marcante de um cenário de epidemia. Que dirá de uma pandemia. Portanto, deve-se ter cautela e privilegiar um raciocínio mais complexo e matizado para delinear o tabuleiro etnográfico com mais precisão. O que se tem, efetivamente, é que:

- a. A atividade turística continuou ativa durante a pandemia na Costa do Cacau;
- b. O turismo exerceu alguma influência na dinâmica do espriamento do coronavírus no terreno;

- c. Esta influência está invisibilizada pela ausência de dados estatísticos a respeito da atividade turística local;
- d. Não é possível medir em qual proporção o turismo impactou na dinâmica da pandemia localmente.

De acordo com informantes, nos períodos de pico turístico em Ilhéus (entre dezembro e fevereiro e com intensidade um pouco menor em junho) e em feriados prolongados a ocupação dos alojamentos hoteleiros na pandemia foi muito próxima aos anos anteriores, atingindo 90%, chegando até mesmo à ocupação plena (100%) em alguns momentos. Esta informação é corroborada em diversos blogs locais (Frahm, 2022; Tabuleiro, 2022; Folha da Praia, 2022) e mesmo pela imprensa *mainstream* (Globoplay, 2022).

É claro que se pode questionar a fiabilidade das fontes na internet, mas o fato é que em nenhum momento as notícias foram desmentidas. Ao contrário. A ocupação hoteleira figura, em termos discursivos, como um feito triunfal diante da pandemia. O que, por outro lado, pode levantar suspeitas inclusive de um superdimensionamento para engrandecer a façanha. De qualquer modo, os dados primários, como o registro de congestionamentos de automóveis, tráfego intenso de pessoas nas ruas e praias e bares lotados na parte mais turisticamente ativa de Ilhéus corroboram as informações.

Os turistas que se dirigem a Ilhéus (e mais extensivamente à Costa do Cacau) são majoritariamente residentes de cidades não litorâneas do próprio Estado da Bahia, localizadas em um raio de aproximadamente 300 Km (especialmente moradores de cidades maiores como Jequié e Vitória da Conquista). E moradores de centros urbanos de estados como Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais (Pinto, 2012a).

Há também uma parcela mais restrita de visitantes que possuem um alto padrão de consumo (geralmente de Minas Gerais e São Paulo, ocasionalmente estrangeiro) que se hospeda em resorts de luxo e não interagem fora da bolha ambiental (*enviromental bubble*) do hotel, permanecendo toda a estadia dentro do estabelecimento.

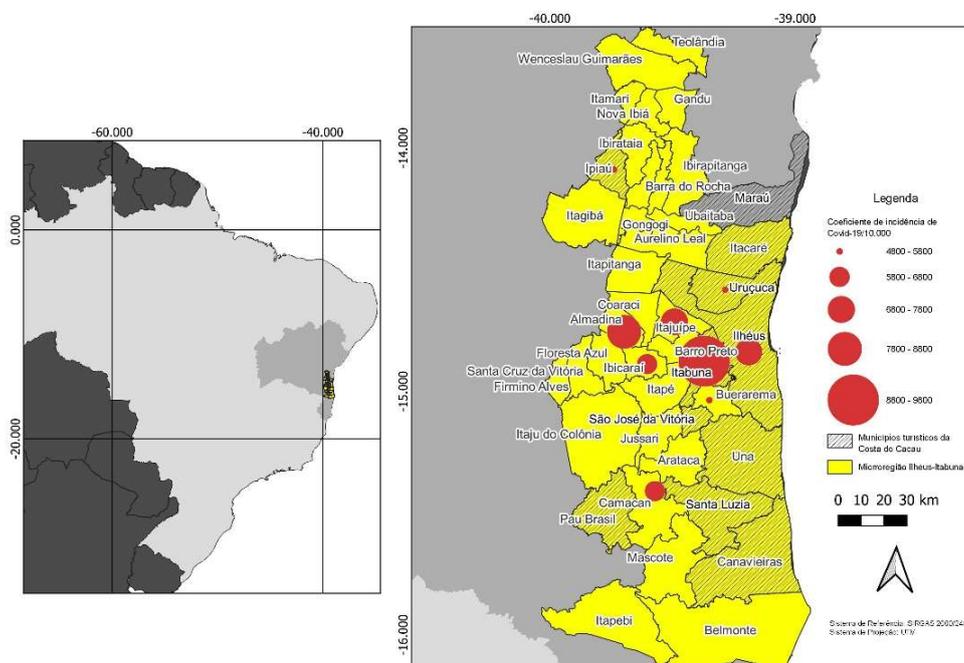
Mas quem mantém efetivamente os equipamentos turísticos em Ilhéus é o chamado turismo de proximidade. Os moradores de Itabuna e cidades vizinhas são quem mais utilizam os atrativos da cidade, ocupando a cada feriado e fim de semana praias, bares, restaurantes, inclusive lançando mão de *day use* em pousadas e hotéis.

O mapa 2 apresenta a Microrregião Ilhéus-Itabuna com os municípios turísticos da Costa do Cacau assinalados e também o coeficiente de incidência de Covid-19 no período de maio/2020 a janeiro/2021. A sua leitura permite visualizar melhor a interseção

entre a atividade turística e a distribuição espacial do coronavírus no território. Nota-se um corredor que vai de Ilhéus a Almadina em que se registra a maior incidência da doença na região. As cidades de Ipiatã e Camacan, também com alta incidência, mas fora deste corredor, apresentam algumas especificidades, o que explicariam em parte suas taxas. A primeira, por ser uma espécie de entroncamento entre as zonas Sul e Sudoeste da Bahia, é dotada de um dinamismo próprio. E a segunda está localizada em um espaço de conflito entre fazendeiros e indígenas, com vários problemas daí decorrentes, como é bem sabido pela literatura antropológica.

## Mapa 2

Microrregião Ilhéus-Itabuna com indicação dos municípios turísticos da Costa do Cacau e coeficiente de incidência de Covid-19 no período maio/2020 a janeiro/2021



Elaboração: Ângelo Gonçalves

O ponto a ser ressaltado é que em um estudo epidemiológico de base quantitativa, no contexto da pandemia no sul da Bahia, o turismo provavelmente não apareceria, simplesmente porque não há dados disponíveis/localizáveis ou fiáveis a respeito do fluxo turístico na região. Então, apesar de ser um vetor óbvio a olho nu, permaneceria oculto ou não “entraria na equação” pela impossibilidade de quantificá-lo ou nem mesmo ser detectado em bases de dados disponíveis. Talvez fosse tratado como uma externalidade a

ser considerada remotamente, quando possivelmente representa um fator relativamente relevante.

Nesse sentido, ganha importância o trabalho etnográfico como ferramenta de pesquisa. No âmbito estritamente epidemiológico, vale não só pela recuperação da sua matriz teórico-epistêmica, que tem nas Ciências Sociais um dos seus pilares fundantes, como também pela sua capacidade de dar a ver dimensões sociais mais sutis e específicas do mundo social.

Deve-se assinalar, ainda, que se por um lado os estudos epidemiológicos têm privilegiado cada vez mais uma dimensão quantitativa, tendo no refinamento estatístico a principal referência de qualidade de pesquisa, reduzindo assim ou mesmo esquecendo deliberadamente a dimensão das Ciências Sociais, que está no seu próprio fundamento, por outro lado é necessário reconhecer as dificuldades das Ciências Sociais na atualidade de estabelecer pontes na área da saúde (mas também na economia, na geografia e em diversos campos das ciências sociais aplicadas), desde que o *momentum* pós-moderno na área vem promovendo há algumas décadas contínuos questionamentos e rupturas, e dado ênfase a ilhas epistemológicas ao invés dos vasos comunicantes.

## **5. Considerações Finais**

Ao estudar os modelos de determinação social das doenças crônicas não-transmissíveis, Naomar Almeida-Filho (2004) propõe, em um texto que recupera o berço socioantropológico da epidemiologia, um modelo metodológico que inclui de uma forma mais abrangente e efetiva a dimensão qualitativa, avaliando incorporar a ideia de modo de vida (ao invés de estilo de vida) como categoria analítica, inclusive para prover uma melhor usabilidade da noção de risco neste contexto.

Em uma reflexão adicional ao texto de Almeida-Filho, é possível desenvolver uma linha de pensamento a respeito do turista como categoria social (para si e para o outro), que por sua vez se vincula a um modo de vida mais amplo e que este envolve algum tipo de risco. Risco este que no contexto da pandemia da Covid-19 foi deliberadamente assumido por quem se investiu desta categoria de turista, tanto no sentido de contaminar o outro quanto a si próprio. As motivações para a assunção desta conduta de risco – teoricamente desnecessária – podem vir a ser objetos de investigações mais refinadas em estudos posteriores.

Outro ponto importante suscitado pela intersecção turismo-coronavírus no sul da Bahia é a incursão teórica a respeito do próprio limite do turismo, em termos sociológicos (embora fosse possível também avançar nos seus limites éticos, especialmente neste contexto): até onde pode-se atribuir à atividade turística a responsabilidade pelo espalhamento da Covid-19 no terreno? Mesmo se tivéssemos um controle excelente dos dados, como nos países europeus pioneiros do turismo, ainda assim esta resposta seria na melhor das hipóteses uma estimativa grosseira e bastante imprecisa.

No nosso caso, qualquer resposta numérica é uma ficção. Este ponto é bem sabido pelas antropólogas e pelos antropólogos do turismo que vêm trabalhando com estas dimensões da inconstância da atividade turística e da incerteza de suas fronteiras já há algumas décadas (Smith & Brent, 2001; Nogués Pedregal, 2009; Milano, 2015; Pinto, 2021a; Pinto, 2021b).

O alcance dos efeitos do turismo é uma zona de debate teórica bastante ativa desde sempre (Nash, 1996; Santana Talavera, 2009). Porque virtualmente – a menos que sejam casos muito específicos – não há como definir limites objetivos a partir do qual as mudanças sociais na sociedade receptora ocorrem, devido ao turismo ou a algum outro fator contíguo ou exógeno (Lagunas, 2007; Munsters & Marjan, 2015; Pinto-Coelho & Pinto, 2018). Um caso emblemático é o da especulação imobiliária: apenas pelo rumor da implantação de algum equipamento turístico as terras em jogo podem se valorizar abruptamente. Neste caso, o turismo pode ter provocado alterações no mercado local antes mesmo dele existir como atividade concreta.

Enfim, atribui-se ao turismo a causa majoritária de mudanças nos padrões de consumo ou de criminalidade ou até mesmo efeitos em disposições sexuais. Mas a verdade é que se trabalha com um nível de imprecisão bastante significativo. E definir tais alcances dos efeitos da atividade turística ou suas consequências ou desdobramentos está muito mais no campo das projeções e das especulações. A menos que no futuro este debate a respeito dos limites sociológicos/econômicos/ecológicos do turismo ganhe corpo no sentido de um refinamento metodológico de pesquisa que possibilite medir com maior precisão uma dinâmica tão complexa.

## 6. Referências

- ADONIAS Filho. *Sul da Bahia: Chão de Cacaú. Uma Civilização Regional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ALCOFORADO, F. *Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia*. 2003. Tese (Doctorado en Planificación Territorial y Desarrollo Regional) – Universitat de Barcelona, Barcelona, 2003. Disponível em: <<https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/1944/0.PREVIO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- ARAÚJO, C. e SILVA, S. da. As duas Porto Seguro. In: VALENÇA, M. e CAVALCANTE, G. (Org.). *Globalização e marginalidade: transformações urbanas*. Natal: Edufrn, 2008, p. 109-119.
- BAHIA. Secretaria do Estado da Bahia (SESAB) *Boletim Informativo Epidemiológico da Microrregião Ilhéus-Itabuna*, 2021. Disponível em: <<http://www.uesc.br/Covid-19/index.php?item=boletins-epidemiologicos.php>>. Boletins de maio de 2020 a fevereiro de 2021. Acesso em: 23 ago. 2022.
- CORRÊA, R. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. *Território*, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 06, p. 43-53, 1999.
- DATASUS. *População residente - estudo de estimativas populacionais por município, idade e sexo 2000-2020 – Brasil*. População residente segundo Microrregião IBGE. Microrregião IBGE: 29031 Ilhéus-Itabuna. Período: 2020. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?popsvs/cnv/popbr.def>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- FOLHA DA PRAIA. *Ilhéus Registra 100% de ocupação hoteleira durante feriado prolongado*. Disponível em: <<https://www.folhadapraia.com.br/ilheus-registra-100-de-ocupacao-hoteleira-durante-feriado-prolongado/>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- FRAHM, M. *Mesmo em pandemia, taxa de ocupação hoteleira em Ilhéus chega a 90% para período do carnaval*. Disponível em: <<http://blogmarcosfrahm.com/mesmo-em-pandemia-taxa-de-ocupacao-hoteleira-em-ilheus-chega-a-90-para-periodo-do-carnaval/>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- G1. *Secretaria de Saúde confirma 2º caso de coronavírus na Bahia; paciente teve contato com 1º caso*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/03/07/secretaria-de-saude-confirma-2o-caso-de-coronavirus-na-bahia-paciente-teve-contato-com-1-caso.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- GLOBOPLAY. *Ilhéus atinge 90% de ocupação na rede hoteleira, no período em que aconteceria o Carnaval*. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9262346/>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- LAGUNAS, D. (Coord.). *Antropología y Turismo. Claves Culturales y Disciplinarias*. México, D. C.: Plaza y Valdés, 2007.
- MARQUES, L. e BELO, M. *Após casamento da irmã na Bahia, Gabriela Pugliesi diz ter sintomas de coronavírus e procura atendimento*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/03/12/apos-casamento-da-irma-na-bahia-gabriela-pugliesi-diz-ter-sintomas-de-coronavirus-e-procura-atendimento.ghtml>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- ALMEIDA-FILHO, N. Modelos de determinação social das doenças crônicas não-transmissíveis. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 9, p. 865-884, 2004.
- MACLEOD, D. & CARRIER, J. (Ed.). *Tourism, Power and Culture: Anthropological insights*. Bristol, Buffalo, Toronto: Channel View Publications, 2010.
- MILANO, C. Otherness Anthropologies: Toward Ibero-American Anthropologies of Tourism. *American Anthropologist*, vol. 119, nº 4, 2017, 736-739. Disponível em: <<https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/aman.12957>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MUNSTERS, W. & MARJAN, M. (Eds). *Anthropology as a Driver for Tourism Research*. Antwer: Garant Publisher, 2015.

NASH, D. *Anthropology of Tourism*. Pergamon: New York, 1996.

NOGUÉS PEDREGAL, A. M. Genealogia de la difícil relación entre antropología social y turismo. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 7(1): 43-56, 2009. Disponível em: <[http://www.pasosonline.org/Publicados/7109/PS0109\\_4.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/7109/PS0109_4.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PEREIRO, X. e FERNANDES, F. *Antropologia e Turismo: Teorias, métodos e praxis*. Tenerife: PASOS, RTPC, 2018. Disponível em: <<https://www.pasosonline.org/es/colecciones/pasos-edita/151-numero-20-antropologia-e-turismo>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PINTO, R. e PEREIRO, X. Turismo e Antropologia: contribuições para um debate plural. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 13/14(1), 2010, p. 447-454. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/13737>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PINTO, R. et al. A Covid-19 na Macrorregião de Saúde sul da Bahia: Singularidades Socioespaciais. In: SEI. *Panorama da Covid-19 na Bahia em 2020*. 2ed. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2021, p. 197-212.

PINTO, R. Navegando à deriva: notas etnográficas sobre o turismo em Ilhéus, Bahia. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 2, p. 28-53, 2008.

PINTO, R. *Patrones Actitudinales de los Gestores del Turismo en Ilhéus (Brasil)*. La Laguna: Editora de la Universidad de La Laguna, 2010.

PINTO, R. Tourism, trade and cocoa: politics and tourist space in Ilhéus, Brazil. In: VALENÇA, M.; CRAVIDÃO, F; FERNANDES, J. (Org.). *Urban Developments in Brazil and Portugal*. New York: Nova Science Publishers, 2012, p. 353-369.

PINTO, R. O turismo na tradição antropológica brasileira. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 13(2), 2015, p. 295-303. Disponível em: <<https://ojsull.webs.ull.es/index.php/Revista/article/view/633>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

PINTO, R. Luzes e sombras: notas para um balanço crítico da antropologia do turismo. *Ilha - Revista de Antropologia*, v. 23, p. 84-107, 2021a. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/74175>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

PINTO, R. Antropologia e turismo: abordagens e perspectivas. *Revista Iberoamericana de Turismo*, v. 11, p. 27-57, 2021b. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/12727>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

PINTO-COELHO, Z. & PINTO, R. Discourses and images of cultural tourism. *Lusophone Journal of Cultural Studies*, 5(2), p. 23-36, 2018. Disponível em: <<https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/1839/1904>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

RANGEL, M. C. A crise do território-região cacauceira da Bahia: os nós discursivos nas tramas do poder local para manter o território – 1980-2010. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

RANGEL, M. C. e THEVENIN, J. Para além da crise cacauceira - a expansão dos condomínios fechados em Ilhéus-BA: uma análise preliminar da cidade estendida. *Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 59-83, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49392>>. Acesso em: 17 mai 2021.

SANTANA TALAVERA, A. *Antropologia do Turismo: Analogias, Encontros e Relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTANA TALAVERA, A & PINTO, R. Tourism in the consumer society: Anthropologic subsidies to the static subsystem figuration. *Journal of Hospitality and Tourism*, 6, 2008, p. 87-110.

SANTANA TALAVERA, A & PINTO, R. Bordes y límites del modelo de Ciclo de Vida del producto turístico. Reflexiones desde el terreno de investigación. *Aportes y Transferencias / Tiempo Libre: Turismo y Recreación*, 14(1), 2010, p. 119-135. Disponível em: <<http://nulan.mdp.edu.ar/1490/1/Apo2010a14v1pp119-135.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SEI. *Panorama da Covid-19 na Bahia em 2020*. 2ed. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2021.

SHARPLEY, R. & TELFER, D. J. (Eds.). *Tourism and development: Concepts and issues*. Clevedon: Chanel View Publications, 2002.

SIMONICCA, A. *Antropologia del turismo: Strategie di ricerca e contesti etnografici*. Roma: Carocci, 2001.

SMITH, V. e BRENT, M. (Eds.). *Hosts and guests revisited: Tourism issues of the 21st century*. New York: Cognizant Communication, 2001.

TABULEIRO. *Ilhéus registra 95% de ocupação hoteleira no feriado de finados*. Disponível em: <<https://www.otabuleiro.com.br/blog/ilheus-registra-95-de-ocupacao-hoteleira-no-feriado-de-finados>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

TRINDADE, G. Urbanização e gestão urbana no Sul da Bahia: o predomínio da aglomeração de Itabuna-Ilhéus na rede urbana regional. In: WENDEL, H e LOPES, D. (Org.). *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010. p. 163-183.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. *Informativo epidemiológico da Microrregião Ilhéus-Itabuna*. Ilhéus: UESC, maio/dez. 2020. (Informes epidemiológicos, 1-34). Disponível em: <<http://www.uesc.br/Covid-19/index.php?item=boletins-epidemiologicos.php>>. Acesso em: 17 mai 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. *Informativo epidemiológico da Microrregião Ilhéus-Itabuna*. Ilhéus: UESC, jan./fev. 2021. (Informes epidemiológicos, 35-42). Disponível em: <<http://www.uesc.br/Covid-19/index.php?item=boletins-epidemiologicos.php>>. Acesso em: 17 mai 2021.